



Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade de Comunicação - FAC
Universidade de Brasília

**SURFE DE ASFALTO NO CÉU BRASILIENSE: UM OLHAR SOBRE
AS SKATISTAS DO DISTRITO FEDERAL**

Luiza de Santana Mello - 15/0016581
Orientadora: Elen Geraldês

1º semestre de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo privilégio de ter tido acesso à educação de qualidade, que possibilitou minha entrada na Universidade pública.

Agradeço também pela oportunidade de desconstrução de conceitos limitadores. Graças à experiência Universitária, composta por amigos, professores e funcionários, aulas, eventos e debates, me tornei mais empática e humana.

Agradeço à minha família pelo apoio durante os últimos quatro anos que dediquei à faculdade.

Agradeço à minha professora orientadora, Elen Geraldês, pela paciência, motivação e dedicação incansáveis no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também às professoras Fernanda Martinelli e Janara Souza, que marcaram minha passagem pela Faculdade de Comunicação.

Agradeço à Sarah, Luzivânia, Sheylla, Leandra, Gabi e Sarinha pela disponibilidade e gentileza ao participarem da produção fotográfica e a todos que, de forma direta ou indireta, possibilitaram a realização deste trabalho.

RESUMO

Este memorial tem como objetivo contextualizar o trabalho de conclusão de curso sobre como a fotografia pode contribuir para consolidação de imagens femininas fortes no meio do *skate*. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma inspiração no método etnográfico de pesquisa, contando com uma breve imersão no universo das mulheres skatistas do Distrito Federal, no Brasil. A realização deste projeto foi pautada em questionamentos sobre a visibilidade e representatividade das mulheres skatistas no meio dessa prática, como se dá a relação entre elas e também com a cidade, podendo estender ainda para reflexões sobre mobilidade urbana e direito a lazer, e, principalmente, sobre o papel da fotografia em trazer à luz tais questões.

Palavras-chave: Mulheres no skate; Fotografia de mulheres skatistas; Empoderamento feminino; Acesso à cidade;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. CAPÍTULO I

- a. Do mar para o asfalto
- b. Mulheres, o skate e a contribuição da fotografia para a construção de imagens femininas

3. CAPÍTULO II

- a. Trilhas e percurso metodológico

4. CAPÍTULO II

- a. Coletora de Imagens
- b. Conclusão

5. ORÇAMENTO

6. CRONOGRAMA DE TRABALHO

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Introdução

Este trabalho tem como temática a vivência feminina na cultura do skate no contexto do Distrito Federal, por meio da fotografia. O tema se traduz na seguinte questão-problema: como a fotografia pode contribuir para empoderar as mulheres skatistas? A justificativa desta questão se dá porque a cena skatista, assim como outras vertentes da cultura de rua - o *rap*, as danças urbanas e o grafite, são meios predominantemente masculinos e carentes de visibilidade da figura feminina.

Portanto, o seguinte trabalho partiu desse questionamento como fio condutor para o registro fotográfico das relações entre as skatistas e a cidade, o próprio esporte e umas com as outras. A fotografia pode ser um aspecto importante dessas relações.

Os objetivos do trabalho são três. O primeiro deles, que podemos considerar o objetivo geral, é a elaboração de um produto fotográfico que mostre essas relações das mulheres com e no esporte, com e na cidade. O segundo é fortalecer e legitimar, com o produto, essa atuação. Por fim, o terceiro objetivo é contribuir para a reflexão sobre mulheres skatistas por meio da fotografia.

Este memorial divide-se em três partes. Na primeira, apontam-se as contribuições teóricas sobre skate, mulheres no skate e fotografia de mulheres no skate. Essas contribuições são embasadas em leituras sobre a temática, após a realização de um estado da arte. Na segunda parte, é apresentada a metodologia de produção deste projeto experimental: explicando como as mulheres foram selecionadas e as categorias pré-definidas para as fotos. Na terceira parte, descrevemos e analisamos a edição das fotos e tentamos responder à questão-problema que deu origem ao produto. Por fim, temos o orçamento e o cronograma de trabalho, que são aspectos didáticos importantes para quem desejar elaborar um produto semelhante. Nas considerações finais, destacamos os limites e possibilidades de elaboração do produto.

CAPÍTULO I

Do mar para o asfalto

Neste capítulo, apresentaremos os fundamentos históricos e teórico-conceituais a que recorreremos para a construção de nosso produto, divididos em tópicos: o skate e seu surgimento; presença feminina no skate; o registro documental fotográfico dessa presença.

Os primeiros registros e reconhecimento do skate enquanto modalidade esportiva são datados da década de 1970 na costa oeste dos Estados Unidos, especificamente na Califórnia. Entretanto, os adeptos dessa prática já faziam experimentos há pelo menos dez anos antes de cair no gosto geral popular.

Naquela época, o surfe já era considerado um esporte formalmente consolidado por campeonatos, atletas, treinadores, patrocinadores, fornecedores - uma indústria completa. No entanto, nem todos os dias era possível entrar no mar. Fosse por falta de ondas ou pela época de frio. Os surfistas então adaptaram as técnicas e passaram a “surfar no asfalto”, reproduzindo os movimentos que utilizavam na água para se deslocar em cima de uma pequena prancha de madeira sobre rodas. A skatista nova iorquina Rachelle Vinberg, conhecida mundialmente por estrelar o filme “Skate Kitchen” (2018), acredita que “não pode ser considerado um esporte pois não existem regras exatas para essa prática. Cada um tem seu estilo único, como uma extensão do nosso corpo”.

O surgimento do skate introduziu um novo tipo de lazer para as pessoas que não tem acesso às praias. Esse acontecimento mudou de maneira significativa dois aspectos que serviram de base na construção de uma nova cultura. O primeiro é a forma como nos relacionamos com nossos corpos. O elemento comum aos que amam essa prática é uma busca constante por experiências desafiadoras que, no geral, os colocam em risco. Mas também oferecem uma enorme sensação de liberdade. “ Deste modo, aceitando a possibilidade de machucar-se ao praticar skate, tais jovens passavam a redefinir as concepções de corpo geralmente difundidas pela sociedade, isto é, a busca pela sua preservação física (BRANDÃO, 2011). Hierarquicamente, a sensação de adrenalina está acima do bem estar físico. Fala-se ainda do surgimento de uma nova experiência sensorial.

Para Herrera, faz-se importante admitirmos que o mundo contemporâneo também vem configurando outros usos do corpo que já não estão de acordo somente

com a sociedade disciplinar e nem necessitam da obediência de outros tempos. Usos do corpo, em sua visão, que se formaram a partir dessas novas práticas culturais juvenis e que se constituem enquanto práticas de subjetivação por gerarem certas sensibilidades e oportunidades de criação; ou um novo sensorium, como diz, ou ainda uma celebração da vida através da intensificação das paixões e na invenção de espaços para compartilhar com pares um série de vivências e excitações lúdicas (HERRERA, 2009: 1 – 19 apud BRANDÃO, 2011: p. 7).

Essa estética “inconsequente¹” está diretamente relacionada ao grupo majoritário que forma a tribo skatista no mundo todo: os jovens. O filme “Reis de Dogtown” (2005) apresenta o contexto no qual os skatistas norte-americanos cresceram e os desdobramentos da passagem do mar para as ruas. Além da transição das rodas de patins para rodas de uretano e o alvoroço dos primeiros campeonatos, o longa apresenta cenas que ilustram o espírito rebelde adolescente das primeiras *crews*, expressão que vem do grafite para aqueles que se reúnem para fazer em conjunto sua prática. No caso do skate, as *crews* aconteciam em piscinas vazias, parques abandonados, terrenos com obras inacabadas e qualquer espaço em que fosse possível experimentar novas manobras.

O que nos leva ao segundo aspecto: uma nova maneira de interagir e perceber a cidade. Espaços que originalmente foram projetados para uso e circulação de pedestres e automóveis - ruas, calçadas, escadarias, piscinas, praças, parques, túneis etc - passaram a ser utilizados por skatistas para testar diferentes manobras das mais improváveis maneiras. Deslizamentos em corrimões, saltos sob carros, trens, estações de metrô, lagos, muros, telhados de edifícios e casas, são apenas alguns exemplos. A cultura do skate, pelo menos em um primeiro momento, contraria à ordem vigente de interação do cidadão com o espaço público (e privado). Mesmo com a criação de locais próprios para praticar, como os *skateparks*, e eventos de competição que avaliam capacidades técnicas, sua essência se baseia em uma vivência que só a rua pode proporcionar.

A origem e a evolução da cultura do skate se manifestam a partir de uma lógica subversiva. E é de se esperar que, assim como qualquer outro movimento insurgente, fossem levantados questionamentos. No Brasil, os casos mais emblemáticos foram no estado de

¹ Não há um conceito academicamente definido para a descrição da estética skatista, por isso o uso do termo inconsequente. Aqui, o termo é usado para descrever ações em que não se pensa na consequência.

Santa Catarina e São Paulo. O primeiro se passou em Blumenau, cidade no interior do estado catarinense, onde o *Street Skate* foi proibido no final da década de 1990.

Diferentemente do “surf de asfalto” (que consistia somente em descer ladeiras asfaltadas sobre uma prancha com rodinhas), a prática do Street Skate passou a ser exercida com skates maiores e não se resumia apenas a descida de ladeiras, mas sim um ato de apropriação de aparelhos urbanos (bancos, escadas, muretas) presentes em praças, ruas, escolas etc. Assim, por volta de 1982, 1983, esse novo “tipo” de skate começou a angariar alguns jovens na cidade, e já na segunda metade da década de 1980 tornou-se a tendência dominante de uma nova geração de skatistas (BRANDÃO, 2015: p. 4)

Já no segundo caso, em São Paulo, o skate já era proibido em algumas cidades desde de 1975, mas a causa chamou a atenção da mídia apenas em 1988, quando o então prefeito da cidade de São Paulo, Jânio Quadros, banuiu o esporte. Luciano Kid, o primeiro campeão brasileiro de street profissional, que testemunhou o período de repressão, declarou à revista *Vice* em abril de 2018: “Proibiram o skate por pura repressão moralista. Mas todo movimento jovem com boa finalidade acaba vencendo a repressão e até se unindo contra os poderosos. Hoje temos aí o espelho de tudo aquilo pelo que lutei”.

A declaração de Luciano reforça que a resistência do movimento skatista não foi em vão. Pela primeira vez desde seu surgimento, o *skateboarding* foi reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e incluído na programação das Olimpíadas de Tóquio em 2020. Competindo em ambas categorias *Street* e *Park*, o Brasil levará 12 atletas, dos quais metade são mulheres.

Mulheres, o skate e a contribuição da fotografia para a construção de imagens femininas

A história das mulheres no skate não é recente. Em 1965, Patti McGee foi reconhecida como a primeira skatista profissional ao ganhar o campeonato nacional dos Estados Unidos, com apenas 19 anos de idade.

Desde então uma série de skatistas como Peggy Oki - única garota integrante da famosa equipe Zephyr, Judi Oyama, Ellen Berryman, Cindy Whitehead, Jen O'Brien, Kim Cespedes, Laurie Turner e Ellen Oneal, dentre muitas outras, romperam a barreira de gênero e abriram o caminho para que mulheres do mundo todo pudessem ocupar esse espaço. No Brasil, encontram-se skatistas colecionadoras de títulos mundiais e precursoras em competições como *X-Games*, considerado como "Jogos Olímpicos" dos esportes radicais. Dentre elas estão Karen Jonz, Leticia Bufoni, Eliana Sosco, Ligiane Xuxa, Ruany Caroline, Déborah Badel, Dulcineia Severo e Tat Marques.

Um dos principais - senão o único - estudos acadêmicos produzidos no Brasil sobre a presença de mulheres no skate data de 2010. Produzido por Silvana Vilodre Goellner, Angelita Alice Jaeger e Márcia Luiza Machado Figueira, "Mulheres e Esporte: Invisibilidades visíveis no Skate e no Fisiculturismo" se propõem a entender o papel da mulher nesses esportes, questionando o abismo que existe na promoção e repercussão da imagem de atletas homens e mulheres.

O trabalho parte da análise do livro 'Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil' para discutir a ausência da imagem feminina na prática do *skate*.

A invisibilidade apresenta-se, ainda, naquilo que a publicação mostra como imagens significativas desse esporte. Nela aparecem mais de 70 fotos de atletas fazendo manobras radicais: nenhuma delas é de uma skatista. Nas suas páginas, vemos apenas duas imagens de mulheres e estas são bastante emblemáticas para movimentar análises a partir dos estudos feministas e de gênero. Na primeira delas, aparece a vencedora do primeiro campeonato dos anos 1990, no entanto, a atleta não é fotografada em ação como são os homens: Giuliana Ricomini está de costas, segurando o skate e revelando para as lentes do fotógrafo a imensa tatuagem que colore quase toda esta parte de seu corpo, que está descoberta. A leitura que fazemos dessa construção textual, em nenhum momento é atribuída a alguém que acabou de vencer um campeonato de skate. O que se vê é um belo corpo tatuado.

A outra fotografia exibe uma modelo desfilando em um evento de moda realizado em São Paulo, em 1995, no qual representa a loja Mad Corner. A imagem exibida é de uma mulher cruzando a passarela com a parte de cima do corpo sem roupa tendo seus seios cobertos apenas por um skate (GOELLNER, JAEGER, FIGUEIRA, 2010).

É feita ainda a seguinte provocação:

“Se pensarmos que a cultura relaciona-se com a produção e a troca de significados entre membros de uma sociedade, como nos fala Stuart Hall (1997), podemos pensar, ainda, que as imagens são determinantes na produção dos significados atribuídos aos corpos e às subjetividades nas sociedades contemporâneas (GOELLNER, JAEGER, FIGUEIRA, 2010).

Mesmo após o surgimento da televisão como meio de comunicação em massa, a fotografia continuou exercendo um papel imprescindível na documentação histórica do skate. A prática foi disseminada no mundo todo por meio de revistas especializadas. Inclusive em território brasileiro:

No início, como relata Chaves, o skate surgiu no país por intermédio de alguns surfistas cariocas que surfavam no Arpoador e que acabaram por descobrir a existência do skate nas páginas de revistas norte-americanas destinadas ao surfe, como a Surfer e a Surfing, as quais passaram a exibir, além do surfe, também imagens de skate. (BRANDÃO, 2011)

A fotografia contemporânea tem um papel político e social completamente diferente da característica utilitária que tinha no século XIX, quando foi inventada. Mauad (1996) reforça essa ideia ao refletir sobre a crítica de Philippe Dubois ao aspecto realista da fotografia ao afirmar que “a recepção da fotografia e sua compreensão pressupõem uma certa aprendizagem, ligada à interação dos códigos de leitura próprios à imagem fotográfica”.

Hoje, para além de ser um exercício de documentação, a fotografia, enquanto produto, permite a construção e o fortalecimento de novas ideias no imaginário social no que tange às possibilidades da jornada feminina de identidade e empoderamento. Desde 2007, a fotógrafa britânica Jessica Fulford-Dobson retrata a realidade de meninas skatistas no Afeganistão na série “Skate Girls of Kabul”. A Organização Não Governamental Skateistan trabalha para unir treinos de skate à oportunidades educacionais, oferecendo a chance de uma melhor

qualidade de vida para as crianças e jovens afegãs. Em entrevista à revista Veja, Jessica relata que sua série de imagens está ajudando o projeto à angariar fundos e, principalmente, à revigorar a força das meninas skatistas em um ambiente de conflito e violência.

CAPÍTULO II

Trilhas e percurso metodológico

Neste capítulo, iremos descrever o percurso metodológico deste projeto, com suas preferências e opções. Dois métodos se destacam neste percurso. O primeiro deles é a revisão bibliográfica: fizemos um levantamento, do tipo “Estado da arte” (técnica de pesquisa que seleciona, agrupa e analisa a produção acadêmica relativa à determinada temática) sobre fotografia e mulheres skatistas. O objetivo foi compreender como o tema é abordado academicamente, para inspirar a realização das fotos e sua edição.

O segundo método utilizado foi o etnográfico, um método desenvolvido pela Antropologia para que os pesquisadores da área pudessem observar, compreender e narrar a cultura de grupos e sociedades diferentes das quais pertencem, após um intenso, e frequentemente prolongado, mergulho em seu cotidiano, segundo LAGE (2009). Dessa forma, embora tenhamos inspiração da etnografia, não seguimos propriamente o método, pois o tempo com o grupo de mulheres skatistas foi escasso (aproximadamente 21 dias), para a realização de tal mergulho.

Com a inspiração do método etnográfico, iniciamos a pesquisa com a escolha do grupo de skatistas. Para tanto, foram mapeados alguns dos principais pontos onde se anda de skate em Brasília, por meio de indicações de amigos a fim de identificar e visitar esses locais.

Em consequência dessas visitas, confirmou-se que a presença feminina nesses espaços é pequena. O número de skatistas presentes nessas visitas, geralmente feitas em horários e dias de pico, era limitado a uma média de duas mulheres em contraste com mais de seis homens. Também foi possível perceber que não seria simples abordar as - poucas - skatistas que estavam presentes. A falta de intimidade e o esforço delas para se mostrarem capazes e

pertencentes aquele meio geraram um certo desconforto ao serem convidadas para conversar e/ou serem fotografadas.

O próximo passo então foi entrar em contato com uma skatista que já conhecia, Sarah Oliveira, para lhe apresentar a proposta do projeto. Uma vez que conversamos, ela demonstrou interesse e empolgação em participar do trabalho e se propôs a mobilizar um grupo de skatistas mulheres que conhecia para que participassem também. Para otimizar a comunicação entre nós, criou-se um grupo, no aplicativo Whatsapp, que incluía as seis skatistas que seriam fotografadas, Gabriela Andradd, Leandra Miranda, Luzivânia Thalia, Sarah Almeida, Sarah Oliveira e Sheylla Britto.

Para compreender os aspectos que envolvem a questão-problema do projeto foi necessário fazer uma espécie de imersão na esfera à qual essas mulheres pertencem, seguindo a inspiração etnográfica. Ao observar o cotidiano dessas skatistas, unidas pelo esporte, entre si e na cidade, pudemos construir três categorias que nos permitiram direcionar nosso olhar .

A observação das skatistas nos levou à elaboração de três categorias: movimento, em que as fotos registram a liberdade, a relação com o espaço, e a fluidez dessas atletas; risco e aventura, em que são captados momentos em que o esporte se mostra radical e essas mulheres se expõem e se superam; e sororidade, no qual as jovens mostram carinho, preocupação e cuidado umas com as outras, demonstrando o aspecto solidário, e não solitário, da prática.

Seguindo a inspiração etnográfica, desejamos produzir um registro fotográfico documental, ou seja, não foi feito nenhum tipo de produção para as fotos além da escolha, juntamente com o grupo, do dia e local para sua realização.

CAPÍTULO III

Coletora de imagens

Neste capítulo, iremos descrever cada foto tirada, sua categoria e sua edição. As fotos foram produzidas no dia 27 de maio de 2019, entre 9:30 da manhã e 16:00 da tarde, utilizando uma câmera Canon, modelo DSLR EOS Rebel SL2 com lente 17-50mm.

Apesar do propósito documental desta produção fotográfica, a referência estética proposta para o tratamento das imagens, realizado com a ferramenta Lightroom do pacote Adobe, faz alusão aos primeiros anos de popularidade desta modalidade na Califórnia, mais especificamente Venice Beach. Os tons frios - azul e verde - foram escolhidos para conectar o céu da cidade de Brasília e o mar de Venice, um tributo à transição do surfe, esporte aquático, para o esporte urbano, o *skate*.

Abaixo, descrevemos as fotos das categorias pré-definidas - Movimento, Risco e Aventura e Sororidade - compostas por quatro fotos cada, a fim de fazer um recorte que retratasse a relação entre o universo feminino e experiências sensoriais proporcionadas pela prática do *skateboarding*. As legendas foram escolhidas a partir de falas das próprias skatistas durante a produção das fotos.

Para ver todas as fotos acesse o link:

<https://skatistasbrasilienses-luizamello.tumblr.com/>

Movimento

A primeira categoria diz respeito à percepção sensorial primordial à intrínseca à prática do skate: o ato de se deslocar.



Foto 1 “Vamos, vamos, vamos”: capturou-se o momento em que a skatista Luzivânia corria com o skate na mão para pegar impulso antes de colocar a prancha no chão e remar sob o asfalto.



Foto 2 “Gabi, filma esse trick”: aqui, registramos três skatistas, Sarah, Sheylla e Gabi testando manobras no túnel do Lago Norte. Como preparação para realizar as manobras na curva da parede da passagem subterrânea, as skatistas colocavam uma espécie de apoio que simulava uma pequena rampa em um lado do túnel para então se deslocarem para o outro lado, onde usavam o impulso da velocidade e o atrito das rodas com a parede para colocar o skate no ar. A imagem remete ao momento em que surfistas estão em um “tubo”, ou seja, se deslocando dentro de uma onda no mar.



Foto 3 “Esse pico é irado”: nesta imagem temos o momento em que a skatista Sheylla acaba de descer da curva e se equilibra para pegar impulso novamente para se deslocar na curva do outro lado do túnel. Tal registro reforça a referência ao surfe, mas no contexto da cidade.



Foto 4 “Consegui, véi”: a última foto da categoria Movimento retrata o momento exato em que a skatista Sarah se projeta no ar para fora da parede do túnel com seu skate.

Risco e Aventura

A segunda categoria trata de dois aspectos primordiais ao *skateboarding*. Correr riscos põe à prova a capacidade do ser humano em se submeter à situações de medo, que nos fazem sair da nossa zona de conforto. Já a experiência de aventura, muitas vezes movida pela adrenalina, provoca também a liberação de endorfina no corpo humano - substância química liberada no cérebro que gera uma sensação de prazer, normalmente associada à prática de exercícios físicos.



Foto 5 “Que medo é esse, gente?”: neste retrato temos é possível ver o momento em que Sheylla estava dominada por uma falta de coragem para descer a mini rampa de skate. A skatista encarava o chão constantemente. Tentou descer algumas vezes (sem sucesso) e repetiu várias vezes em voz alta a frase que dá nome à esta imagem. Essa fotografia ilustra um momento que faz parte do cotidiano de qualquer skatista: ultrapassar a barreira emocional, muitas vezes assustadora, que é se expor à possibilidade de se machucar em prol de viver determinada experiência. Para mulheres, especificamente, esse processo se torna ainda mais difícil já que desde novas são desencorajadas à exercerem qualquer tipo de atividade considerada “radical”.



Foto 6 “Aaaaah, consegui! Mas quase caí”: Incentivadas por suas companheiras skatistas, Sheylla finalmente consegue descer a mini rampa em um subto pico de coragem. “Confia e vai”, “Não pensa muito, só desce”, “Você já fez isso antes, você consegue” foram algumas das frases ditas pelas skatistas que assistiam a cena. Durante o processo de imersão, as skatistas relataram o quanto é importante e motivador esse tipo de fala partindo de outras mulheres em situações como essa.



Foto 7 “Essa descida é sincera demais”: Momentos depois, quem enfrentava um cenário semelhante era Sarah Almeida, conhecida como Sarinha. Paralelo à mini rampa havia um “paredão”, uma rampa duas vezes maior do que a usava por Sheylla. Do alto do paredão,

Sarinha levou alguns minutos olhando a altura, medindo a distância, sentando e levantando, em uma tentativa de calcular se era possível descer sem se machucar. Afirmado não ser possível descer, Sarah preferiu não arriscar.



Foto 8 “Não acredito que machuquei o mesmo joelho de novo”: Mais tarde, foi a vez de Leandra ou “Leleu” de tentar executar o movimento pretendido por Sarinha. Em um

movimento objetivo, Leleu subiu no paredão e sem muita ponderação (nem medo) desceu de skate a curva incrivelmente íngreme. O tombo de Leleu foi tão grandioso quanto seu ato de coragem. Na foto, podemos ver a dor e sofrimento da skatista devido ao atrito de seu joelho com o cimento, que deixou cortes ensanguentados. Todas presentes correram para ver se ela estava bem e ainda deram um sermão na colega “Tá maluca, Leleu? Tem que tomar cuidado. Não dá pra descer o paredão sem joelheira”, disseram.

Sororidade

Nesta categoria, apresentamos por meio de imagens os três pontos principais que embasam o trabalho ‘Surfe de Asfalto no Céu Brasiliense’: mulheres, skate e fotografia. Os registros que contemplam essa categoria foram escolhidos a fim de retratar a essência da relação interpessoal dessas jovens skatistas, abordando-a a partir de uma perspectiva de sororidade.

Aqui, utilizou-se como referência a seguinte definição de sororidade:

Para além da escrita, a pesquisadora define o significado de sororidade como um pacto político e ético de irmandade entre as mulheres que despertam práticas a fim de preservar e estimular a proteção, solidariedade e defesa entre as mulheres e, assim, enfrentar o patriarcado (PENKALA, 2014, p.225 apud SILVA, 2016, p. 47).



Foto 9 “Você se machucou?”: nesta captura vemos o cuidado das skatistas umas com as outras, momento que se repetiu algumas vezes durante o dia em que as fotos foram tiradas. Luzivânia havia caído e ralado o joelho e suas amigas foram correndo ajudá-la. Nessa foto, a preocupação com o bem estar umas das outras é representativa do movimento skatista feminino, que é pautado por atitudes de sororidade.



Foto 10 “Deixa que eu te ajudo”: aqui, temos um registro não focado no esporte, mas sim nas relações das mulheres skatistas entre si. Em um mundo em que somos incentivadas a competir umas com as outras, é uma vitória para a luta feminista ter mulheres

que empoderem umas outras em qualquer área que seja - escolas, trabalhos, esportes e qualquer atividade de lazer. É interessante observar como essas relações transitam entre o contexto social e pessoal. Na foto, Sarah ajuda Sheylla a se sentir mais bonita ao arrumar sua franja como queria. Outras demonstrações do tipo, como elogios à aparência física com finalidade de exaltar suas autoestimas, foram notadas ao longo da imersão.



Foto 11 “Segura a minha mão”: Esta imagem capta Sarinha oferecendo ajuda à Sheylla em seu maior momento de vulnerabilidade durante o treino de skate. Tal comportamento é extremamente raro em circuitos compostos apenas por homens. O que reforça as afirmações anteriores sobre a sororidade entre essas jovens mulheres.



Foto 12 “Temos que nos encontrar pra andar (de skate) mais vezes”: A última imagem do produto fotográfico exhibe a diversidade das mulheres participantes do projeto. A individualidade e autenticidade do grupo foi essencial na composição do projeto pois aponta o skate como denominador comum frente às diferenças de classe, raça e idade, confirmando a

prática como um espaço democrático. A imagem foi feita ao final do treino das skatistas, após uma roda de conversa com debates instigados por perguntas feitas por mim.

A conversa foi pautada por debates sobre o incentivo que elas receberam (ou não) para começar a andar, como foi o processo de inserção em um meio predominantemente masculino, como é ser uma mulher skatista no Distrito Federal e como é a relação delas com outras skatistas.

De modo geral, quase todas não tiveram incentivo da família ao demonstrar interesse pelo *skateboarding* e ao começar a praticar de fato. Mas, de forma unânime, relataram que é preciso insistir muito para ver evolução nos movimentos. “Exige prática como qualquer outro esporte” disse Leleu. Sobre os primeiros momentos de contato com os homens skatistas, contam que a recepção foi positiva e que a maioria dos homens se colocavam à disposição para ensinar manobras e técnicas de aperfeiçoamento. Entretanto, foi levantado um ponto extremamente relevante para esse trabalho: a representatividade. Endossada pelas outras skatistas, Sarah Oliveira descreveu o quanto é diferente andar de skate com mulheres do que andar com homens. Além do desgaste de muitas vezes ter de desconstruir comportamentos machistas, as skatistas não se sentem tão à vontade para praticar, acertando ou errando, em meio à seus amigos homens.

Como citado anteriormente, a prática do skate não se dá apenas pelo treino e capacidade técnica. Em grande parte, é um esporte de vivência. Descobrir novos “picos” com os amigos (as), testar e inventar manobras que desafiam a lei da gravidade e superar desafios são primordiais no *skateboarding*. Por isso, ter companheiras enriquece a vivência do skate e serve como motivação para as skatistas continuarem praticando. Nesse aspecto, a sororidade surge de forma orgânica e reforça os laços entre essas mulheres.

É preciso falar ainda sobre como é a vivência delas na cidade, especificamente no contexto do Distrito Federal. Segundo relatado, as skatistas não se sentem seguras para andarem sozinhas nas cidades do DF, devido à falta de iluminação, segurança e infraestrutura precária do espaço urbano. Confirmando mais uma vez o poder da prática em grupo, consequência de um movimento mulheres que unem forças para um propósito comum. Na capital brasileira, as skatistas criaram um grupo de whatsapp para marcarem treinos juntas, organizar eventos e compartilhar dicas e aprendizados.

Conclusão

Após análise da imersão realizada para a produção do projeto é preciso voltar ao ponto inicial e responder à questão-problema: “Como a fotografia pode contribuir para empoderar as mulheres skatistas?”. A resposta para essa pergunta se baseia em toda a coleta de dados expostos nos capítulos anteriores e também no momento pós-fotográfico.

As fotografias produzidas foram postadas pelas próprias skatistas em suas redes sociais, promovendo-as com orgulho de verem a si mesmas e suas colegas em imagens que exaltavam sua força e relevância para a cena. Isso por si só já aponta o poder da fotografia como ferramenta para o empoderamento feminino skatista. O material foi tão bem recebido pelas skatistas-modelos que foi usado para material de marketing promocional de eventos de skate feminino organizados por elas desde então.

O questionamento que embasa o presente trabalho fala diretamente sobre o papel da representatividade na cena skatista. A fotografia vem como instrumento catalisador na iniciação das mulheres no skate. Produzir imagens de mulheres skatistas permite que mulheres de fora desse movimento enxerguem possibilidades nunca antes imaginadas. A afirmação mais latente feita pelas skatistas durante a imersão fotográfica foi a de que se elas vêem outras mulheres andando de skate, fazendo manobras surreais e ocupando espaços que não era esperados, elas também conseguem se imaginar conquistando esse lugar. A imaginação é tudo que basta para que mulheres dêem o primeiro passo para começar a andar de skate (e fazer qualquer outra coisas que tenham vontade).

A elaboração e execução de um produto de fotografia demanda um bom planejamento, no qual é essencial incluir para além de um cronograma de trabalho, um orçamento para a apresentação das imagens na defesa final pois o formato - digital e/ou impresso - irá influenciar a estética do projeto. E, claro, uma sólida base teórica a ser utilizada como referência para pensar o recorte a ser feito e, principalmente, para a produção de um memorial consistente.

Acerca deste produto, fazendo uma análise crítica, penso que um tempo maior de imersão com as skatistas teria enriquecido o projeto, trazendo diferentes perspectivas sobre o tema. No que diz respeito à produção das fotos, é válido pensar como será feita a abordagem das personas que serão fotografadas. Uma lição aprendida foi que nem sempre ir direto ao

espaço que se quer fotografar na expectativa de fazer as fotos sem ter qualquer tipo de contato pode dar certo. Faz parte do processo documental etnográfico, ou nesse caso, de inspiração etnográfica, estudar quem ou o que se quer fotografar e pensar em estratégias eficazes de abordagens que não sejam percebidos como invasivos. Utilizar um bom equipamento eletrônico e ter um fotógrafo profissional como co-orientador também corroboram para realização de um trabalho eficaz.

As fotos são o ponto de partida para escrever o memorial, por isso é muito importante que sejam feitas com boa antecedência. Assim, há tempo viável para refazê-las (caso seja necessário), editá-las, e se couber, pensar em propostas adicionais que agregam à fotografia como experiências multissensoriais com vídeos e projeções, e, possivelmente, uma divulgação transmídia do trabalho.

Por fim, é importante dizer que as possibilidades para elaborar um produto de Comunicação são infinitas e que a antecedência com a qual o produto é planejado impacta diretamente na qualidade do trabalho.

Orçamento

A tabela abaixo descreve as despesas previstas para a produção deste trabalho. Tanto a elaboração do memorial quanto a execução do processo fotográfico.

DESPESA	VALOR
Impressão de textos para leitura na fase de pesquisa	R\$70,00
Gasolina para deslocamento no dia das fotos	R\$150,00
Impressão das fotos em formato de pôster	R\$500,00
Molduras para exibição dos posters na apresentação final	R\$500,00
TOTAL	R\$1.220,00

Cronograma de trabalho

O cronograma de trabalho foi desenvolvido na fase de planejamento de execução do trabalho, após a definição da questão-problema.

MÊS	PERÍODO	ATIVIDADE
MARÇO	4 semanas	<ul style="list-style-type: none">• Pesquisa e leitura dos trabalhos já desenvolvidos sobre cultura de rua, <i>skate</i>, fotografia e mulheres no esporte.
ABRIL	1a semana	<ul style="list-style-type: none">• Definição da Metodologia;
	2a semana	<ul style="list-style-type: none">• Pesquisa de referências estéticas para as fotos;
	3a semana	<ul style="list-style-type: none">• Pesquisa de locações para as fotos;
	4a semana	<ul style="list-style-type: none">• Entrar em contato com as modelos;
MAIO	1a semana	<ul style="list-style-type: none">• Confirmar modelos, locação, dia e horário onde as fotos serão realizadas;• Separar equipamento necessário - câmera, lente, bateria, cartão de memória;
	2a semana	<ul style="list-style-type: none">• Execução das fotos;
	3a semana	<ul style="list-style-type: none">• Tratamento das fotos;
	4a semana	<ul style="list-style-type: none">• Tratamento das fotos e início da produção do memorial;
JUNHO	4 semanas	<ul style="list-style-type: none">• Produção do memorial;
JULHO	1a semana	<ul style="list-style-type: none">• Impressão das fotos;• Compra das molduras;• Entrega do memorial e das fotos para banca de avaliação;

Referências

BRANDÃO, LEONARDO. *Das ondas para o asfalto: uma história das relações entre o surfe e o skate*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. p. 8. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299356731_ARQUIVO_ANPUHSURFE_SKATETEXTOCOMPLETO.pdf. Acesso em: 01 de junho de 2019.

BRANDÃO, LEONARDO. *História da proibição do skate em Blumenau (1999-2008)*.

XVIII Simpósio Nacional de História - Santa Catarina, julho de 2015. Disponível em:

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1425750077_ARQUIVO_ANPUHSCHIS_TORIADAPROIBICAODOSKATEEMBLUMENAU.pdf. Acesso em 20 de junho de 2019.

MAUAD, ANA MARIA. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. Disponível em:

https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31052117/Fotografia.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAtraves_da_imagem_fotografia_e_historia.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190726%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20190726T235136Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=0c909e001a457c5d99d20fdadfe7bc89e8409dbbf30ea46918e3896ff993c0e4. Acesso em 4 de julho de 2019.

GOELLNER, SILVANA. JAEGER, ANGELITA. FIGUEIRA MÁRCIA. *Mulheres e Esporte: invisibilidades visíveis no Skate e no Fisiculturismo*. Niterói, v. 10, n. 2, p.

293-310, 1. sem. 2010. Disponível em:

<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/28/16>. Acesso em 25 de junho de 2019.

HONORATO, TONY. *Uma História do Skate no Brasil: do lazer à esportivização*. Texto integrante dos Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História.

ANPUH/SPUNICAMP. Disponível em:

<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20IX/Tony%20Honorato.pdf>

Acesso em 05 de junho de 2019.

LAGE, Giselle Carino. *Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica*. Disponível em:

<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewArticle/7104>. Acesso em:

22 de junho de 2019.

SILVA, Ivana Carolina. *Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney*.

Disponível em:

<http://bdm.unb.br/handle/10483/16599?mode=full> . Acesso em: 23 de junho de 2019.

Matéria Globo Esporte. Disponível em:

<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/a-500-dias-de-toquio-2020-skate-e-surfe-surgem-como-esperanca-de-medalhas-para-o-brasil.ghtml>. Acesso em 27 de junho de 2019.

Matéria Revista Vice Brasil. Disponível em:

https://www.vice.com/pt_br/article/gymmkw/proibido-andar-de-skate-em-sp. Acesso em 27 de junho de 2019.

Entrevista Patti McGee. Disponível em:

<https://juicemagazine.com/home/patti-mcgee/>. Acesso em 28 de junho de 2019.

Imagens históricas do skate feminino brasileiro. Disponível em:

<https://www.redbull.com/br-pt/imagens-historicas-do-skate-feminino-brasileiro>. Acesso em 25 de junho de 2019.

Fotógrafa retrata força de meninas skatistas no Afeganistão. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/mundo/fotografa-retrata-forca-de-meninas-skatistas-no-afeganista/>.

Acesso em 01 de julho de 2019.